

## Do Ódio à Violência

Carmen Da Poian

Este artigo se origina do que foi apresentado num ciclo de palestras realizado no CPRJ em 2008, denominada 'Explode Coração', portanto inspirada em letras musicais. De fato, não só pela paixão o coração explode, e talvez mesmo, o som mais ensurdecedor produzido por explosões do coração seja o da Violência.

Neste sentido, temos que levar em conta diferenças de timbres e de ritmos que distinguem o desprazer da agressão, da indiferença, do domínio, do ódio, da violência, da crueldade. Isto, sem deixar de ouvir o rumor das mudanças sociais que fazem emergir um novo mundo e irromper novas maneiras de escuta. Assim, é possível entender a inclusão das questões do ódio e da violência na nova agenda mundial, já que a humanidade se vê continuamente ameaçada pelo terrorismo, pelo aquecimento global gerando perigosas transformações do meio ambiente, pela crise de alimentos?

Começar por onde? Escolhi como guia o pensamento de Freud sobre o ódio para, a partir daí, tentar entender a Violência e chegar ao que me parece o mais difícil e, talvez, o mais urgente a ser pensado pela Psicanálise no mundo atual: a questão da Crueldade. Deixo de lado o universo lacaniano ou winnicottiano mas vocês verão que eles estão presentes no texto freudiano. Vou tentar ser clara.

Para Freud surpreendentemente a primeira relação de objeto se caracteriza não pelo amor, mas pelo ódio. Ódio de que? De todo objeto que se oponha à satisfação que a quietude inicial proporciona. Freud chamará, então, de ódio a intrusão do objeto exterior na consistência narcísica, invasão, no entanto, necessária pois nesta quietude está presente uma brecha, uma falha, um buraco provindos da sensação de falta imposta pela necessidade de sobrevivência. O ódio é, então, um fato da estrutura humana: à falta respondemos com ódio. O ódio habita o humano, como diz Lebrun.

No texto de 1915, "As Pulsões e seus Destinos", Freud assimila claramente o sentimento de ódio à sensação de desprazer. Diz ele: "O ódio, enquanto relação de objeto, é mais antigo que o amor. Ele provem da recusa originária que o eu narcísico opõe ao mundo exterior que é pródigo em excitações. Enquanto manifestação de reação de desprazer suscitada pelos objetos, o ódio permanece em relação íntima com as pulsões de autoconservação do ego." Portanto, as primeiras manifestações de ódio não provêm da vida sexual mas da luta do ego por sua afirmação.

O que podemos depreender da leitura de Freud de 1915 é que:

1. O ódio tem primariamente a ver com a insatisfação, com a irritação, com o desconforto, com o desprazer e não com a agressividade ou com a destrutividade. Ele se liga à recusa de qualquer perturbação que interfira no silêncio originário e se

liga também à sensação de insuficiência que nos leva a reconhecer que há um lugar outro.

2. O amor nunca se transforma em ódio pois suas origens são diferentes. O ódio tem a ver com intrusão provocada por uma falta ligada à necessidade de autoconservação. O ódio só fará parte do amor quando se mostrar como agressividade contra o objeto ao qual o indivíduo é ligado amorosamente. O amor também tem a ver com a falta que o desejo presentifica pela Pulsão de Vida mas nele o objeto, idealizado ou não, é sentido como preenchedor e não invasor. Sobre a relação do ódio com o amor, Freud dirá adiante: "O ódio quando misturado ao amor provem, em parte, dos estados preliminares de amor, incompletamente ultrapassados".
3. Só mais tarde (1920) o ódio aparecerá em Freud como destrutividade, enquanto manifestação (quase pura) da Pulsão de Morte que visa desligar e aniquilar o objeto.

Portanto há três possibilidades de compreender o ódio em Freud:

O ódio como originário do desprazer causado pela sensação de insuficiência e pela necessidade de intrusão de um objeto externo. É por esta experiência de desprazer e desconforto (que Freud assimila ao ódio) que se produz o processo de subjetivação. A origem do sujeito está, portanto, ligada ao processo de diferenciação entre o interno e o externo, através da rejeição e ao mesmo tempo da necessidade, das excitações vindas de fora e que provocam tensões internas ocasionando mal estar. Portanto, para o nascimento da vida interior o desprazer é necessário. Este desprazer que irrita, visto por Freud como ódio, pode tornar-se agressividade ou propriamente raiva quando se liga às pulsões sexuais e se volta ativamente contra o objeto ao qual o eu se sente amorosamente ligado. Já o ódio como destrutividade tem a ver com a introdução da pulsão de morte, que age por rupturas, e que irá impossibilitar as ligações próprias a Eros.

Para Freud, e isto é importante, tanto o Amor quanto o Ódio, são forças de afirmação vital, inatas, primárias, constituintes da subjetividade e ativadas por algo externo ao próprio indivíduo. Tanto o amor quanto o ódio estão presentes no nascimento do eu interior. O mundo exterior aparece como necessário mas desconfortável, obrigando a ser.

Muitas vezes este exterior desaparece ou se torna excessivo e, então, o ódio (ou o amor) fica sem lugar de inscrição o que pode impedir de ser. O possível encontro com o outro (amoroso ou odioso), que proporcionaria a formação do sujeito, pode não existir ou se tornar, então, um confronto destrutivo. Neste caso, o ódio (ou o desprazer originário) aparece sem o anteparo que permite a organização do sujeito e pode então se transformar em Violência.

Falemos, então, da Violência.

Não da Violência que muitos chamam de necessária ou fundamental que, na verdade, nada mais seria do que o ódio relativo à entrada no registro do Humano, registro este que exige a perda do imediato, o fim da quietude narcísica, o “forçamento” da linguagem, a morte do excesso de gozo. Este seria o ódio primeiro, o ódio que nos habita, que presentifica a falha original. Podemos lembrar aqui Lacan para quem este ódio está presente no fato de falarmos pois a linguagem atesta o vazio inicial do humano.

Vamos analisar aqui outros tipos de Violência, aqueles que se originam da total ausência do objeto externo ou, então, da ausência do objeto internalizado por falta de investimento afetivo do e no outro. Sua inexistência ou sua presença maciça ou sua indiferença ocasionam explosões de ódio sem freio, sem direção, sem limite.

Diferentemente do ódio e da agressividade que têm um fim e um caminho determinados visando um objeto próprio, aparece a Violência, impulso desordenado e sem nome que está muito mais no campo do excesso da pulsão do que no campo da representação.

Esta Violência pode ser vista como fruto de tentativas frustradas do indivíduo ser acolhido, o que permitiria que suas pulsões se inscrevessem em algum lugar. Pois, como vimos, apesar do desconforto imposto pela presença do objeto, esta contraposição da alteridade é fundamental para a constituição do sujeito. Quando não há nenhum contraponto (autoridade, Lei, leis, presença amorosa ou impeditiva) que permita nascer o indivíduo em sua singularidade, o ódio prolifera com força totalizante e se transforma em Violência. A ausência do laço de relação, seja ela amorosa ou raivosa, produz a indiferença e leva ao não reconhecimento de si próprio. Mas também, se este outro se oferece como presença compacta e excessiva, o ódio imperará como força transgressora de ruptura da ordem necessária para a constituição do sujeito. Freud fala em “Para Introduzir o Narcisismo” (1914), mas em outro contexto, de uma balança necessária para se medir as quantidades de energia neste equilíbrio entre o dentro e o fora, entre o eu e o outro.

Portanto, tanto a ausência real quanto a ausência psíquica (produzida pela indiferença), assim como a presença intransponível do objeto outro, impedem o acontecer da subjetividade e produzem explosões de ódio que geram Violência provinda não só do desprazer provocado pela falha original mas pela sensação de não ter lugar algum, de não ser reconhecido. A Violência pode, assim, ser vista como transbordamento do ódio quando este não encontra suporte e direção para sua força. Nesse caso há uma “autorização” para o ódio que não tem mais aqui a ver com o vazio inicial mas com a ausência ou a inconsistência do outro cuja presença deveria impedir ou desviar ou transformar essa energia em algo diferente. Temos aqui a noção de

sublimação em Freud da qual se aproxima Winnicott com sua noção de agressividade criativa.

Sem entrar na questão das ideologias sociais, podemos talvez aqui pensar nas diferentes formas de terrorismo vigentes no mundo atual como tentativas de afirmar um lugar de legitimação, lugar que permita ser reconhecido pelo outro. Neste caso mais do que terrorismo, poderíamos pensar alguns desses movimentos como movimentos insurgentes que respondem a ameaças de aniquilamento.

Como contê-la? Ou, como encaminhar a força do ódio sem sustentação a um caminho não destrutivo ou até mesmo a um caminho construtivo? Ou como canalizar a agressão e criar laços de sentimentos positivos entre os Homens? Em "Por que a guerra", texto de 1932, Freud nos fala da necessidade do Amor sem intenção sexual (fica aqui a questão da dessexualização) e da necessidade de laços sentimentais necessários. Diz ele: "Tudo que engendra entre os Homens laços de sentimentos deve reagir contra a guerra. Esses laços podem ser de dois tipos: em primeiro lugar como os que se manifestam a respeito de um objeto de amor sem intenções sexuais. A Psicanálise não deve se envergonhar de falar de amor porque a Religião também usa a mesma linguagem: ama a teu próximo como a ti mesmo. Obrigação fácil de proferir mas difícil de preencher. A segunda categoria de laços sentimentais é aquela que procede da identificação. É sobre esses laços que repousa o edifício da sociedade".

Já antes disto, em 1923, em "Análise do Ego e Psicologia Coletiva" vemos a importância que Freud dá à noção de identificação tanto na constituição do sujeito quanto da sociedade. Diz ele: "A identificação é a primeira manifestação de ligação afetiva a outra pessoa". E continua: "O sentimento social repousa sobre a transformação de um sentimento hostil em uma ligação positiva que é, no fundo, uma identificação". Tal como em Lacan, a agressividade (e não o ódio original) é secundária à identificação. E para conduzir todo esse caminho importa o lugar da Família e da Educação.

Portanto, ao lado do ódio contra o exterior que invade, mas que ao mesmo tempo dá forma ao indivíduo, está a identificação como a outra operação constitutiva do sujeito: é ela que possibilitaria à Psicanálise hoje pensar a categoria de Semelhança que rompe e vai além da questão da identidade e que é importante para a pacificação do mundo contemporâneo, onde o que vigora é a ótica das diferenças vividas como insuportáveis. Em contraposição à identificação e à semelhança que nos conduzem à fraternidade, a força que vigora hoje é a do narcisismo identitário que reduz o indivíduo a membro de um grupo, de uma etnia, de uma religião, de uma classe social etc. e não como pertencente ao âmbito dos seres desejanter, seres semelhantes, identificados na categoria do Humano.

Pela Identificação torna-se possível renunciar ao narcisismo de base. Isso, caso sejam oferecidos ideais coletivos onde o eu se sinta presente e reconhecido. E apesar do

ódio e da agressividade serem uma disposição primitiva e autônoma do ser humano que dificulta o desenvolvimento da própria civilização, Freud reconhece, entretanto, (e isto em 1930, em "Mal Estar na Civilização") que a maior questão está na patologia das sociedades civilizadas que, na maioria das vezes, vão contra o combate que a própria espécie humana (mais do que o indivíduo) faz pela vida: essas sociedades não conseguem sustentar ideais que vençam a força da maldade originária do indivíduo e apresentam ideais que servem aos apetites destrutivos. Freud cita como exemplo em "Por que a guerra?" a Inquisição. E nós poderíamos hoje falar do Nazismo, mas também da prevalência da lei de Mercado que outorga ao capital financeiro o valor supremo e que reduz o Homem a um único "valor": o do poder através do dinheiro. É o que a crise financeira que hoje vivemos está desvelando. Quem sabe possa ser uma oportunidade de revisão de valores e de certa transformação nos caminhos da Violência e de mutação do laço social.

Mas – e isso nos dá esperança – ainda no texto "Por que a guerra?" Freud falará da Cultura como um processo que poderá até mesmo transformar o psiquismo humano. E estranhamente, para quem dissociou o eu da razão, termina afirmando que: "Há caracteres psicológicos da cultura que podem transformar nossas aspirações éticas e estéticas como, por exemplo, o reforço do intelecto que tende a dominar a vida instintiva e tende à reversão interior da tendência agressiva". E continua: "O que podemos dizer é que tudo que trabalha pelo desenvolvimento da cultura, trabalha contra a guerra."

Teríamos que pensar hoje, cem anos após Freud, que cultura nos envolve e até que ponto ela realmente trabalha contra a Violência na medida em que vivemos uma crise de legitimidade e, como diz Dany-Robert Dufour, um processo de dessimbolização.

Resta, então, a nós duas grandes questões que, apesar de estarem ligadas à Violência, vão além dela e que, como nos diz Derrida, a Psicanálise atual teria que pensar para não ficar à margem da História: a questão do Humano e a questão da crueldade.

O Homem, vítima de sua liberdade, se fragmenta hoje cada vez mais em múltiplos eus, a cultura abrindo um leque sempre maior de possibilidades de identidades e de identificações. Novas descobertas abrem novas perspectivas, mas também introduzem novas inseguranças. A própria Lei do Humano deixa de ser unívoca e transforma-se com novos experimentos técnicos e científicos. O corpo humano vai mudando com próteses e clonagens e as fronteiras entre o natural e o artificial vão se dissolvendo e com elas o Amor, a Arte, a Política são colocadas em questão e em descrédito. E, para além da Moral, a própria Ética sofre abalos, abalos esses que influenciam os campos do Direito, do Poder, da Justiça e até mesmo o Respeito à dignidade da pessoa humana. Com tudo isto nos vemos situados ainda com mais força na dimensão do sujeito social inseparável

do sujeito individual, abarcando o inconsciente necessariamente essas duas histórias. Lei X leis; Valores X costumes; Pacto social X contratos sociais; Ética X Moral, esses pares se confundem e se contrapõem em ações e reflexões. Tudo isto nos impulsiona a repensar a dimensão específica do Humano e de nossa capacidade de convivermos enquanto seres semelhantes que somos apesar das diferenças. O que pode e o que não pode ser modificado para que o Homem, mesmo com dúvidas, divisões e incertezas, permaneça sujeito de seu desejo e do respeito ao outro? E como lutar por isto?

Quanto à Crueldade, quais os novos modos de suas manifestações no século XXI? Podemos entendê-la simplesmente como uma nova forma de perversão emergente de um novo inconsciente social que nos determina? Existe um novo gozo no sofrimento atual, vivido e imposto, que vai além do ódio e da própria Violência, para além mesmo da destruição visada pela pulsão de morte buscando o mal pelo mal, ou no dizer de Derrida, "um mal pior que o mal radical"? Não há dúvida que existe hoje um refinamento e até mesmo uma vitimização na vontade de destruição do outro e de si próprio. Exemplos familiares, artísticos, políticos, de poder, de guerras genocidas revelam novas formas da crueldade. Pais matando filhos e filhos matando pais e decepando seus cadáveres, exposições ditas artísticas exibindo corpos mortos e dissecados, corrupções que matam até por falta de alimentos, devastações do Planeta eliminando nossa casa comum, etc., etc.

Não deveríamos nós, enquanto psicanalistas, refletir sobre as figuras atuais da maldade originária e tentar, de alguma forma, entendê-las para, quem sabe, encontrar meios de contê-las ou de desviá-las de suas expressões mortíferas, que estão concorrendo, sem dúvida, para um processo de desumanização?

Enfim, como pensar e lidar com esta nova economia social e psíquica enquanto psicanalistas que somos? Pois é para isto, afinal que fomos convocados: para tentar compreender e aliviar o sofrimento humano, seja ele individual ou social, tal como o fez Freud há cem anos atrás.

## **Referências.**

FREUD, S. *Metapsychologie: les pulsions et ses destins* (1915). Paris, Ed. Gallimard, 1971.

- *Psychologie collective et analyse du moi* (1921). Paris, Ed. Payot, 1968.

- *Malaise dans la civilisation* (1930). Paris, PUF, 1971.

- *Porquoi la guerre?* (1932). Paris, Ed. Rivage, 2005.

DERRIDA, Jacques. *Etats d'âme de la psychanalyse*. Paris, Ed. Galilée, 2000.

PONTALIS, J. B (Org). *L'amour de la haine*. Paris, Ed. Gallimard, 1986.

LEBRUN, Jean Pierre. *L'avenir de la haine*. Paris, Coll. Temps d'arrêt, 2006.

LEBRUN, Jean Pierre. Une logique d'enfer. In: Les desarrois nouveaux du sujet. Toulouse, Ed. Eres, 2001.

LEBRUN, J. P. et WENIN, A. Des lois pour être humain. Toulouse, Ed. Eres, 2008.

GUYOMARD, Patrick. A Lei e as leis. In: A Lei e as leis, Rio de Janeiro, Ed. Revinter, 2007.

PRIGENT, Yves. La cruauté ordinaire. Paris: Desclée de Brouwer, 2003.

MIJOLLA Mellor, Sophie. Le terrorisme entre ordre et desordre. In: Topique, n. 83, Paris, 2003.

DUFOUR, Dany-Robert. L'art de reduire les têtes. Paris, Denoel, 2003.